

## **AS INFLUÊNCIAS HEGELIANAS NO PENSAMENTO ORIENTALISTA DO IMPERADOR D. PEDRO II E O CONDE ARTHUR DE GOBINEAU.**

LAS INFLUENCIAS HEGELIANAS EM EL PENSAMIENTO ORIENTALISTA DEL EMPERADOR D. PEDRO II Y DEL CONDE ARTURO DE GOBIENAU

HEGELIAN INFLUENCES ON THE ORIENTALIST THOUGHT OF EMPEROR D. PEDRO II AND COUNT ARTHUR DE GOBINEAU

### **ARRUDA, BARBARA. RIBEIRO**

Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Paraíba, Brasil. Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

E-mail: [barbararibeiroarruda@gmail.com](mailto:barbararibeiroarruda@gmail.com)

### **AGUIAR, JOSÉ OTÁVIO**

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professor adjunta III do curso de História / UFCG;

Professora efetiva do PPGH/UFCG

E-mail: [j.otavio.a@hotmail.com](mailto:j.otavio.a@hotmail.com); Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0489-3670>

### **RESUMO**

Entender as concepções de *Zeitgeist* e a organização das sociedades e os parâmetros estabelecidos por Hegel entre o Oriente e o Ocidente se afigura fundamental para compreender a mentalidade orientalista e imperialista do século XIX. O trabalho apresentado aqui é fruto de uma abordagem da minha dissertação de mestrado, onde não foi possível explorar mais sobre o tema, e tem como proposta principal analisar a influência desse hegelianismo predominante nos intelectuais oitocentistas e suas reverberações no que diz respeito ao Oriente, através do imperador Pedro II e o Conde de Gobineau. Através de análises e reflexões bibliográficas dos autores, propomos um debate sobre o contexto histórico e social no qual estavam envolvidos, relacionando também com autores que trabalharam previamente com o tema, e dessa forma, a análise das fontes em si, ou seja, os relatos de viagem do imperador ao Oriente Médio em 1871 e 1876 e as obras de Gobineau sobre o Oriente e o Islã (1853-1869). Através de debates sobre seus contextos históricos, sociais e religiosos, discutiremos o conceito hegeliano de História e de Oriente e suas reverberações nas obras de Pedro II e Gobineau, bem como tecer críticas a essas noções reducionistas do Oriente e da teleologia histórica.

PALAVRAS-CHAVE: : Oriente; Hegel; *Zeitgeist*; Pedro II; Joseph-Arthur Gobineau.

### **RESUMEN**

Comprender las concepciones del *Zeitgeist* y la organización de las sociedades y los parámetros establecidos por Hegel entre Oriente y Occidente parece fundamental para comprender la mentalidad orientalista e imperialista del siglo XIX. El trabajo que aquí se presenta es resultado de una aproximación a mi tesis de maestría, donde no fue posible profundizar más sobre el tema, y su principal propuesta es analizar la influencia de este hegelianismo predominante en los intelectuales del siglo XIX y sus repercusiones respecto al Este, a través del Emperador Pedro II y el Conde de Gobineau. A través de análisis bibliográficos y reflexiones de los autores, proponemos un debate sobre el contexto histórico y social en el que estuvieron involucrados, relacionándose también con autores que trabajaron anteriormente en el tema, y de esta manera, el análisis de las propias fuentes, es decir, los informes del viaje del emperador a Oriente Medio en 1871 y 1876 y las obras de Gobineau sobre Oriente y el Islam (1853-1869). A través de debates sobre sus contextos históricos, sociales y religiosos, discutiremos el concepto hegeliano de Historia y Oriente y sus reverberaciones en las obras de Pedro II y Gobineau, así como criticaremos estas nociones reducionistas de Oriente y la teleología histórica.

PALABRAS CLAVES: Este; Hegel; espíritu de época; Pedro II; Joseph-Arthur Gobineau

**ABSTRACT**

Understanding the *Zeitgeist* conceptions and the organization of societies and the parameters established by Hegel between East and West are fundamental to understanding the orientalist and imperialist mentality of the 19th century. The work presented here is the result of an approach to my master's thesis, where it was not possible to explore further on the subject, and its main proposal is to analyze the influence of this predominant Hegelianism in nineteenth-century intellectuals and its reverberations with regard to the East, through of Emperor Pedro II and the Count of Gobineau. Through analysis and bibliographical reflections of the authors, we propose a debate about the historical and social context in which they were involved, also relating to authors who previously worked with the theme, and thus, the analysis of the sources themselves, that is, the reports of the emperor's journey to the Middle East in 1871 and 1876 and Gobineau's works on the Orient and Islam (1853-1869). Through debates on their historical, social and religious contexts, we will discuss the Hegelian concept of History and the Orient and its reverberations in the works of Pedro II and Gobineau, as well as criticize these reductionist notions of the Orient and historical teleology

KEYWORDS: Orient; Hegel; *Zeitgeist*; Pedro II; Joseph-Arthur Gobineau.



## INTRODUÇÃO

O artigo aqui presente é uma expansão de uma ligação proposta derivada de uma analogia entre os conceitos hegelianos e os diários de viagem de Pedro II e do Conde Joseph-Arthur de Gobineau. Investiga-se a influência forte desse pensamento como inspiradora dos intelectuais do século XIX.

A vida de ambos, Pedro II e Gobineau, foi marcada pela busca de um reconhecimento intelectual e orientalista. Em meio ao contexto político-social da Primeira Revolução Industrial, e os movimentos independentistas das Américas, a Europa se viu sem matéria-prima a ser explorada, mão de obra barata e, ainda, sem mercado consumidor. Sendo assim, voltam novamente os olhos à Ásia e África em busca dos mesmos. Esse novo olhar sob o Velho Mundo deveria ser legitimado de alguma outra forma que não fosse a bélica. Para que a população, tanto europeia quanto asiática, permitissem as atrocidades ocorridas no Oriente do século XIX, era necessário que se fizesse uma justificativa.

Napoleão Bonaparte, portanto, ao chegar ao Egito em XXX, com seus *savants*, trouxe o que seria a literatura de viagem ao Oriente, buscando “descobri-lo”. Isso gerou o movimento orientalista, onde inúmeros autores se debruçaram sobre os estudos do Oriente, de suas línguas e culturas, tendo ou não pisado em terras do leste. A partir daí, os estereótipos foram criados, e o movimento se tornou tamanho, que ser intelectual implicaria em também ser orientalista.

Nesse ínterim, Pedro II, até então o imperador do Brasil, o órfão da nação, tendo crescido rodeado de livros e educação rigorosa, sempre foi muito afeito aos estudos, e, em minha dissertação intitulada “D. Pedro II e o Conde de Gobineau (1869-1876): análise dos relatos de viagem e as faces do orientalismo no século XIX”, procurei mostrar a sua busca incessante por uma autoafirmação enquanto um rei sábio e erudito.

Pedro II se debruçou sobre os estudos do hebraico, árabe e tantas outras línguas, consumia muito das produções francesas da época, o que, cabe salientar, a França era, neste momento, o país mais orientalista do momento. Portanto, obviamente, Pedro II tentou se reafirmar enquanto erudito também como orientalista. A sua busca pelas línguas semíticas, sua egiptomania, e suas viagens ao Oriente Médio em 1871 e 1876, não foram puramente turísticas. Pedro II foi o primeiro governante das Américas a pisar em solo Oriental. E surtindo certo efeito, até hoje o imperador é lembrado como o rei erudito.

Já o Conde de Gobineau buscou “desvencilhar-se das desonras e vergonhas familiares, e encontrar indícios de nobreza para autoafirmação (...)” (ARRUDA, 2023, p.103). Filho de Garcy, que possuía uma reputação duvidosa de golpes e amantes, legou a Gobineau uma “vida de condenações e extradições” (GAHYVA, 2012, p.61). Portanto, ao longo de sua vida, e de suas frustrações, o Conde resolveu buscar a todo custo traços da aristocracia em sua árvore genealógica. Não somente, também desejava reconhecimento de seus pares enquanto intelectual erudito, algo que não logrou sucesso, exceto postumamente.

Para alcançar esse mérito, em suas missões diplomáticas, em especiais na Grécia, Constantinopla e Pérsia, Gobineau utilizou o mesmo parâmetro hegeliano de comparação entre o Oriente e o Ocidente para justificar a inferioridade das raças. Foi a partir desse método comparativo que Gobineau escreve sua obra mais famosa, o “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1855), que serviu à ele o título do pai das teorias raciais do século XX, que chegariam ao seu ápice no nazismo alemão.

Tendo isso em vista, a dissertação propõe uma conexão entre a amizade construída entre Pedro II e Gobineau durante sua estadia enquanto diplomata no Brasil em 1864, e como a francofilia do imperador e a mentalidade racista e orientalista do francês se alimentaram mutuamente. Não obstante, enquanto dois homens inseridos em seus respectivos contextos socio-culturais, Hegel é aqui abordado pela importância e relevância de suas obras no século XIX que, sem dúvidas, também impactaram no imaginário do Oriente e na visão de História teleológica dos supracitados autores.

Apesar de Pedro II se apresentar mais ameno e aberto às culturas orientais, é inegável a sua resistência à maneira de vivência desses povos. Pedro II nos apresenta em seus relatos de viagem uma visão romântica de um Oriente grandioso na Antiguidade, um Oriente bíblico, cheio de estereótipos de luxúria, exotismo, misticismo etc.

Enquanto Gobineau manteve sua parcela também romântica do Oriente Antigo, em especial, da Pérsia e suas raízes arianas e indo-europeias, foi mais ríspido em utilizar o Oriente islamizado para diminuí-lo e menosprezá-lo. Observemos agora alguns conceitos introdutórios hegelianos sobre a filosofia da História, e como ela se apresenta em ambos.



## 1. *Zeitgeist* e o determinismo geográfico em Hegel: um panorama geral

No conceito de *Zeitgeist* hegeliano, o filósofo explica os diferentes “espíritos de época” que perpassam a História como ela é, aos olhos de Friedrich Hegel (1770-1831). Para ele, numa noção teleológica, as sociedades, a partir de suas contradições, irão se contrapor e gerar uma síntese que, teleologicamente, chegará a um ápice ideal de sociedade.

Em cada período histórico há um espírito de época, um *Zeitgeist*. Entretanto, uma das maneiras que Hegel encontra de embasar sua teoria é a contradição entre Ocidente e Oriente, bem como o fluxo histórico que seguiria do Oriente para o Ocidente. Ou seja, tendo a humanidade e as grandes civilizações começado no Oriente na Antiguidade, ao longo dos séculos, essas civilizações tornaram seu rumo para o Ocidente, em especial, a Europa. E, em sua contemporaneidade, estariam em decadência, necessitando voltarem-se aos moldes europeus mais “evoluídos”.

Dessa forma, a comparação com o Oriente e o determinismo geográfico se fazem bastante presentes no argumento hegeliano. Para ele, as sociedades e suas organizações dividem-se entre os estágios da infância, adolescência e adulto. Estágios estes que, para ele, naturalmente ocorrem e devem ser perpassados por todas as sociedades. Na infância, as sociedades, basicamente, seguem a vontade arbitrária do mestre. Na adolescência, segue-se a estética arbitrária desse mestre, e, já na fase adulta, o que irá ser servido será o Estado e as leis.

Nesse ínterim, para Hegel, entra em jogo a necessidade da universalidade política do bem-estar comum. Na infância e adolescência, ao seguirem-se a arbitrariedade do líder, não há essa noção de forma maturada. Na infância, Hegel dirá que esta possui uma liberdade racional na política, porém, é voltada para si e não para a universalidade<sup>i</sup> do bem comum. Para ele, a universalidade deve ser superior à individualidade, mas os indivíduos permanecem em seus direitos. Na adolescência, ainda seguindo a arbitrariedade, entretanto mais a estética desta, há uma ética unida à subjetividade do indivíduo, entretanto, julga Hegel, de forma hipócrita, onde só refletiam e não aplicavam em prática sua teoria, sendo, portanto, apenas estética (HEGEL, 2001, p.203). Na fase adulta, à qual o Estado e as leis são o ideal a serem seguidos e obedecidos, há a universalidade e a síntese entre a fase da infância e da adolescência. Para Hegel, o Império Romano foi o exemplo da fase adulta na Antiguidade, enquanto o Oriente, tribal e nômade, representaria a infância, e a Grécia, a adolescência:

Mas no estado oriental, ainda não está harmonizado ou unificado, e ainda aguarda satisfação. Consequentemente, este esplêndido edifício com seu poder unificado, do qual nada pode escapar e dentro do qual nada pode alcançar uma existência independente, é acoplado com uma arbitrariedade desenfreada. Por um lado, sua terrível arbitrariedade implacável está presente no próprio edifício político, no aspecto mundano do poder substancial; e, por outro lado, também segue sua carreira insalubre e inquieta fora dela. Em termos de Ideia, ela não tem lugar no edifício político; mas inevitavelmente se apresenta, por toda a sua inconsistência, como um fator estranho fora da unidade substancial. Conseqüentemente, descobrimos que as estruturas políticas de substancialidade oriental são acompanhadas por hordas selvagens que descem da orla das terras altas para introduzir os estados pacíficos. Eles os devastam e os destroem, arrasando tudo no chão, embora posteriormente se amalgamem com eles e abandonem sua selvageria; mas como são inerentemente intratáveis, eles invariavelmente se dispersam, não deixando nenhum resultado duradouro para trás. (HEGEL, 2001, p.201-202)

Nessa passagem Hegel nos deixa claro a inevitabilidade do Oriente de ser selvagem. Para ele, não adianta ser glorioso se não trabalha sua subjetividade do espírito e é governado por selvagens provenientes dos planaltos. Admite que reconhece que o Oriente possui Estados, mas que seu comportamento político ainda se dá de forma infantil, ou seja, a fase do “engatinhamento” do conceito de evolução teleológica hegeliana. Hegel fecha o Oriente numa caixa imutavelmente selvagem, que serviria apenas de transição para os novos moldes que julga ideias para uma sociedade. Mesmo grandiosas civilizações como a Persa e a Egípcia, para Hegel, foram apenas símbolos promissores do que acredita ser o movimento natural do Oriente para o Ocidente: “E assim como a Pérsia é a transição externa, também o Egito é a transição interna para a vida livre da Grécia. No Egito, encontramos aquela contradição de princípios que é missão do Ocidente resolver” (HEGEL, 2001, p.201). Dessa forma, o Ocidente se apresenta em Hegel como a “tese” e o Oriente como a “antítese” à gerar uma “síntese”, que viria a ser o Império Romano e seus Estados herdeiros da Idade Média à Contemporânea.



Para justificar seus argumentos, Hegel também buscará no determinismo geográfico a razão para a imutabilidade e a essência do fluxo evolutivo do Oriente para o Ocidente. Dirá que o espírito da História pode mudar dependendo de uma série de fatores externos:

Os vários espíritos nacionais estão separados no tempo e no espaço; e a este respeito, a influência do contexto natural, a relação entre o espiritual e o natural (ou seja, o temperamento nacional, etc.) se faz sentir. Visto contra a universalidade do todo ético e sua própria individualidade ativa, esse relacionamento é puramente externo. Mas como o terreno sobre o qual o espírito se move, não deixa de ser uma base essencial e necessária (HEGEL, 2001, p. 152)

Essas planícies sem água são principalmente a morada dos nômades, como dos naions mongóis e árabes no Velho Mundo. Os nômades são em si de temperamento brando, mas seu princípio é instável e volátil. (...) Planaltos como estes podem ser encontrados na Ásia Central, lar dos mongóis (...); as estepes deste tipo se estendem para o norte a partir do Mar Cáspio e atravessam em direção ao Mar Negro. Outras regiões semelhantes que merecem menção são os desertos da Arábia, os da Berbéria no norte da África, (...). A principal peculiaridade dos habitantes dessas regiões serranas, que são regadas apenas por razin ocasional ou pelo transbordamento de um rio (...), é seu modo de vida patriarcal, pois estão divididos em unidades familiares separadas. O solo em que vivem é completamente infértil ou fértil apenas por curtos períodos; conseqüentemente, sua riqueza não está em suas terras, das quais obtêm apenas uma colheita escassa, mas nos animais que os acompanham em suas andanças. (...) Eles levam uma vida despreocupada e não armazenam provisões para o inverno, de modo que metade de seus rebanhos deve perecer com frequência. Não existe nenhum sistema legal entre os povos das terras altas, e sua vida é, portanto, marcada pelos extremos da hospitalidade e da pilhagem – esta última ocorrendo com mais frequência se eles estiverem cercados por países civilizados, como no caso dos Arbs, que são auxiliados em seus ataques por seus cavalos, que são um meio de sustento e instrumentos de guerra. (...) O próximo nível abaixo das terras altas é o dos estreitos vales montanhosos. Estas são habitadas por pacíficas nações montanhosas – povos pastoris que também praticam a agricultura, como a suíça. Tais nações também se encontram na Ásia, mas no seu conjunto têm menor importância. (HEGEL, 2001, p.158)

Nesta passagem, podemos perceber como Hegel busca justificar o “primitivismo” dos nômades baseado em suas condições geográficas. Para ele, a migração incessante das tribos é causa para seu patriarcalismo forte e pouca falta de senso e tempo para elaborar uma subjetividade e universalidade, pois, para o autor, a propriedade privada é essencial para elevar uma nação. Hegel acredita também que os povos provenientes dos planaltos, como os asiáticos (árabes e mongóis), não possuem um “sistema legal” e isto resultaria em excessiva bravura e agressividade. Portanto, tendem a guerrear e invadir as nações civilizadas, trazendo apenas “destruição e devastação” (HEGEL, 2001, p.158), perpetuando o estereótipo asiático da brutalidade.

Segundo Hegel, os nômades no norte da África e do Oriente Médio jamais atingiriam o nível de civilização, já que para seu conceito geográfico determinista, os países civilizados são necessariamente compostos por rios. A água é um elemento unificador que facilita a agricultura, o sedentarismo, e, portanto, a capacidade de desenvolvimento à civilização da sociedade.

Tendo em vista o panorama geral do conceito de *Zeitgeist* e como ele se modula através do também determinismo geográfico e da teleologia hegeliana, não buscamos aqui diminuir a obra e os conceitos de Hegel que, claramente, deixaram legados e contribuições infindas para as ciências humanas, mas, apresentar uma versão de Hegel que se baseia e utiliza da Ásia como objeto comparativo para sustentar sua noção de civilização ideal, contrapondo o Oriente e o Ocidente como opostos, quando na verdade, sabemos que a construção e trocas culturais e políticas do mundo na História foram feitas de forma mútua. Não obstante, a elevação da Europa enquanto civilização ideal e dos asiáticos enquanto sociedades sem lei é bastante equivocada e eurocêntrica. Entretanto, entender que Hegel foi um homem de seu tempo, ambientado no imperialismo europeu sob a Ásia, nos dá margem para compreender o porquê fez tais analogias. Hegel, apesar de suas inúmeras contribuições para a ciência, também foi veículo de disseminação de orientalismos europeus, e, por sua forte influência no pensamento europeu e, conseqüentemente, mundial (que percebemos até a atualidade), acaba impactando e reforçando os estereótipos da época, inclusive para seus seguidores, como o próprio Karl Marx, mas, que neste artigo, buscamos explorar em D. Pedro II e Joseph Arthur de Gobineau.



## 2. A influência do pensamento hegeliano nas escritas de Pedro II e o Conde de Gobineau

Não há dúvida! Estamos no Oriente  
onde ninguém tem pressa.  
(Dom Pedro II, 13 de dezembro de 1876)

Como proposto em minha dissertação, que viria a dar nesse artigo um fruto, para compreendermos a citação acima de Pedro II, devemos compreender qual o imaginário dominante da época no tocante à História. Como já observado, Hegel influenciou de maneira massiva o pensamento filosófico e dos estudos sociais da época ao escrever “A Filosofia da História” em 1837. Tendo isso em vista, a visão teleológica em Hegel perpassará tanto o pensamento de Pedro II como o do Conde de Gobineau, onde ambos, acreditavam no movimento civilizatório vindo do Oriente para o Ocidente.

Pedro II buscou, em seus diários de viagem ao Oriente Médio, tanto um turismo religioso como diplomático/político, mas também um resgate do Oriente romântico, ou seja, o grandioso Oriente dos antigos grandes impérios e conquistadores. Essa imagem romântica de um Oriente grandioso apenas em sua Antiguidade é perpetuada por influências tais quais a da filosofia da História hegeliana, onde o Oriente Antigo viria a ser o antro da infância das civilizações futuras, dando o pano de fundo para que o movimento civilizatório (dito superior) da Europa viesse a ocorrer pós-Império Romano:

A história ainda é predominantemente a-histórica, pois é apenas uma repetição do mesmo processo majestoso de declínio. As inovações com que coragem, força e magnanimidade substituem o esplendor do passado passam pelo mesmo ciclo de declínio e queda. (HEGEL, 2001, p.199)

Para Hegel, a dialética entre as sociedades e o fluxo histórico ocorrido entre elas geraria o que seria o ápice da civilização: a Europa. E, nesse momento onde o imperialismo e orientalismo britânico, francês e germânico estavam em grande efervescência, nada como comparar o Oriente como antítese ao Ocidente para contrapor as mentalidades e impulsionar a dialética, síntese e o motor da História.

Portanto, quando Pedro II fala que o Oriente é um lugar onde não se há pressa, ele exprime o pensamento da época acerca do Oriente: está estagnado, não se preocupa com éticas, leis, política etc.

Portanto, percebemos em Pedro II essa noção hegeliana de tempo, sendo o tempo para Hegel um fluxo perecível, e a dialética onde encontramos o *Zeitgeist* das sociedades, o Oriente será a contraposição dessa mentalidade, (...). Assim, o *Zeitgeist* do Oriente, bem como tudo que o Oriente propõe é visto como a oposição do Ocidente, o Oriente seria, nessa lógica, a dialética vigente: a tese seria o Ocidente, a antítese o Oriente, e a síntese, a supressão do Oriente frente a civilização europeia. O tempo no Oriente, portanto, não é o mesmo do Ocidente, e porquanto, não há nele pressa. (ARRUDA, 2023, p.114)

Não obstante, a ideia do médio-oriental enquanto homem bárbaro, agressivo, que pudemos ressaltar em Hegel no tópico anterior, se manifesta também nas observações de Pedro II:

No meio notei fustes de colunas de uma antiga igreja copta. Nessas galerias há também cenas de batalha. Vêem-se mãos decepadas de prisioneiro cuja virilidade também foi mutilada, exatamente como sucedeu nestes últimos tempos na Abissínia com os egípcios aprisionados. Nas Cartas escritas do Egito de Champollion, encontra-se a descrição - que verifiquei in loco - de um desses quadros em que se pinta a saída do rei para adorar Hórus (PEDRO II, 21 de dezembro de 1876)

Percebemos aqui uma evocação da agressividade, das guerras e da barbaridade oriental desde a Antiguidade, onde Pedro II faz um link com o que vê na atualidade. Claramente, para ele, o Oriente permanece sendo um local de antigas



grandes conquistas, de guerras e brutalidade, e que permanece, estático, imóvel. Concomitante com o ideal hegeliano do Oriente incivilizado.

De mesma maneira, quando Hegel, através do determinismo geográfico e de suas observações da História do Oriente argumenta que os nômades não possuem leis e, por isso, perpetuam o patriarcado, é possível que percebamos isso refletido, também, nas ideias do ex-imperador do Brasil.

Às 10 ½ estava à margem dele em Tell-Hum. O chão está cheio de troços de colunas; pedaços de entablamento com baixos-relevos, alguns de desenho curioso e um capitel coríntio. Os beduínos, que aí acampam, serviram-se de outros rastros para suas casas, que parecem de bichos. (...) e depois só tinha vontade de correr com esses beduínos para fora desse sítio. (PEDRO II, 21 de novembro de 1876)

A resistência em perceber os nômades é visível em ambos, Hegel e Pedro II. Para eles, as sociedades tribais são em si a desorganização e a forma primitiva de vida que se distancia do ideal civilizatório. Portanto, apesar de nos apresentar um Oriente fabuloso e majestoso, este Oriente só existirá na Antiguidade. O Oriente, para ambos, ainda se apresenta como um contexto de incivilização e brutalidade que em nada se assemelha ao padrão europeu idealizado.

No caso do Conde de Gobineau, as semelhanças com o pensamento hegeliano parecem estreitarem-se ainda mais. Quando diz:

Restos de velhas potências, eles perseveram riquezas, honras, influência local, muito mais do que se poderia acreditar, porque se exageravam fortemente os instintos opressores e principalmente espoliadores dos muçulmanos (J. A. Gobineau em *Les religions et les philosophies dans l'Asie centrale*, 1866)

Percebamos aqui o teor primitivista do médio-oriental pelo francês, de acordo com as ideias hegelianas. Para Gobineau, que viveu na Pérsia durante boa parte de sua vida em missão diplomata, o início do fim daquela sociedade, ou seja, sua decadência, se dá no momento do contato semita na região. Enquanto os persas ainda eram “puros” em seu conceito de indo-europeu, o autor tece-lhes variados elogios. Entretanto, a entrada do islamismo e inevitável com os povos semitas, contaminaram aquela sociedade.

As semelhanças com o pensamento hegeliano são inegáveis. Enquanto Hegel nos mostra por meio do determinismo geográfico e de uma visão teleológica do *Zeitgeist* que os nômades, tribais e os povos de ambientes quentes e desérticos não podem desenvolver uma universalidade, ou seja, leis e civilização, e que, portanto, permanecem no patriarcalismo e nomadismo, e como consequência, a violência e agressividade inata desse estilo de organização social, Gobineau perpassa a mesma lógica, utilizando os povos semitas como fatores da decadência, chegando a negá-los enquanto humanos, de uma Pérsia outrora esplendorosa.

O islamismo, mistura mal disfarçada de religiões anteriores, é, por sua estrutura, muito disposto a se submeter e até mesmo a servir às disposições naturais (...). É portanto, perfeitamente adequado à mente dos orientais e a qualquer tipo de inteligência que se aproxime dela. (GOBINEAU, 1866, p.23)

Também acerca da religião, que ambos acreditam ser o cristianismo a ideal, dirá Hegel:

Tal é a natureza do mundo maometano, no qual o mundo oriental atinge sua mais alta transfiguração e sua mais alta percepção do Uno. Sua origem é reconhecidamente posterior à do cristianismo; mas levou muitos séculos para o cristianismo alcançar importância mundial, um processo que foi finalmente completado por Carlos Magno. O maometismo, entretanto, devido à natureza abstrata de seu princípio, pôde tornar-se um império mundial em um curto espaço de tempo; mas é um sistema mais primitivo que o do cristianismo. (HEGEL, 2001, 206)





Sobre o estereótipo do Islã e dos muçulmanos, Edward Said (1978), autor palestino, nos dirá que a história das conquistas expansionistas islâmicas e o embate com o Mundo Cristão medieval e moderno, serviram de pano de fundo para justificar as investidas imperialistas da Europa contemporânea sob a Ásia. A utilização de estereótipos, afim de inferiorizar o Outro, foram mecanismos eficazes para o discurso da missão civilizatória do Ocidente sobre o Oriente. Dirá Said que:

(...) mente árabe, depravada, antissemita até o mais íntimo do seu ser, desequilibrada e violenta, podia produzir apenas retórica, e pouca coisa mais. Um mito apoia e produz o outro. Eles reagem um ao outro e tendem a simetrias e padrões do tipo que só os árabes, como orientais, podem produzir, mas que como ser humano nenhum árabe pode realmente sustentar. (SAID, 2007, p.409)

Não só no tocante ao Oriente Médio e Islã, mas Hegel e Gobineau pareciam também concordar com a inferioridade do Novo Mundo, a América. Hegel dirá, ainda a partir do determinismo geográfico, que:

O mundo está dividido no Velho e no Novo (...) Mas a diferença entre eles não é meramente externa, pois os dois são de fato essencialmente distintos: seu caráter totalmente peculiar em ambos os aspectos físicos e políticos. (...) No entanto, o arquipélago entre a América do Sul e a Ásia apresenta uma imaturidade física até em relação à sua origem; (...) A oeste desta região fica outra longa cordilheira que atravessa o México e o Istmo do Panamá; sob o nome de Andes ou Cordilheiras, corta todo o lado ocidental da América do Sul. (...) A leste das montanhas, os vastos rios Orinoco e Amazonas correm para leste; formaram amplos vales, que não são, no entanto, um cenário adequado para a civilização, pois na verdade não são mais do que vastas estepes. (...) A América sempre se mostrou fisicamente e espiritualmente impotente, e o faz até hoje. (HEGEL, 2001, p.162-163)

Claramente, por ser uma nova e recente descoberta, para Hegel, não só as Américas são desprovidas do seu conceito de universalidade, como nem seria possível o obter devido à sua geografia.

Tendo isso em mente, voltemos à Arthur de Gobineau, o qual foi forçado a vir para o Brasil em missão diplomática, mesmo contra sua forte resistência. A aversão de Gobineau era tanta, que ao chegar aqui, fez algumas notas sobre o Brasil, o clima, as paisagens, mas, principalmente, sobre o povo. Para Gobineau, um dos primeiros a dar o pontapé inicial para as teorias raciais que viriam a assolar e aterrorizar o mundo no século XX, a mistura entre as etnias afrodescendentes, indígenas e europeias, era uma catástrofe. Para ele, tão somente a mistura étnica marcara a decadência e o desaparecimento total do Brasil, quiza das Américas, em curto período de tempo, já que cria que a pureza racial seria imprescindível para o progresso de uma nação civilizada.

Dirá Gobineau sobre o Brasil que: “todo esse povinho miúdo, escuro, ri à solta colocando à mostra os dentes reluzentemente brancos, entre o vermelho-escuro dos lábios que se destacam sobre a pele negra. É uma algazarra e um vozerio característico de uma escola em rebulição”<sup>ii</sup>. Ou, quando diz: “(...) e é por isso que as mais deslumbrantes cenas do novo mundo jamais poderiam se igualar aos mais modestos aspectos do antigo” (RAEDERS apud GOBINEAU, 1988, p.43).

O Conde de Gobineau, embebido dos ideais imperialistas, mas também do determinismo darwiniano, em muito se assemelha a visão hegeliana de civilização ideal. Gobineau buscou através da comparação entre Oriente e Ocidente, utilizando o Oriente como objeto, justificar a superioridade da raça ariana frente às outras, e como apenas a pureza das raças alcançariam um estado civilizatório satisfatório. Da mesma forma, Hegel enaltece as sociedades europeias, utilizando o Oriente como parâmetro comparativo para demonstrar a superioridade europeia frente ao leste.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mente a importância das produções hegelianas que dominaram o pensamento dos intelectuais do século XIX, tal qual o próprio Karl Marx, pudemos perceber em dois ditos eruditos, Pedro II e Joseph-Arthur Gobineau essa mesma influência.

Colocando, de maneira justa, todos os autores nos seus devidos contextos históricos e sociais, notamos os reflexos do orientalismo em suas obras. Hegel, como europeu e alemão, apesar das suas contribuições que são até hoje essenciais e lembradas dia-a-dia na Academia, também se utilizou do Oriente – e não, mas também do Novo Mundo – como parâmetro para revalidar a Europa como epicentro da ciência, da razão e da civilização.

É inegável que o hegelianismo foi predominante nos intelectuais oitocentistas, e dessa forma, também como frutos de seus contextos, Pedro II e Gobineau, cada um à sua maneira, refletiram essa visão teleológica de uma civilização ideal que paira na Europa, e de um Oriente que serviu como ponta-pé inicial na Antiguidade, mas que agora estará em ruínas.

Ao criar conceitos, ser um escritor, um filósofo, um historiador etc. Não podemos escapar das nossas subjetividades, muito menos das consequências e das interpretações de outrém sobre nossa obra. Hegel, como homem do seu tempo, reverbera o orientalismo vigente em suas obras, e conseqüentemente, também o levou às mãos de homens como Gobineau, que criou livros e ensaios sobre a desigualdade das raças humanas, enaltecendo um arianismo e uma teoria sangünea de pureza que tiveram impactos inimagináveis e catastróficos na posteridade. Esse artigo nos serve para refletir um pouco mais acerca de como a mentalidade e o *Zeitgeist* – aqui, nos utilizando do próprio conceito hegeliano – de uma época podem impactar tanto positiva quanto negativamente, sem que tenhamos noção ou controle de no que se reverberará.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Bárbara R. D. Pedro II e o Conde de Gobineau (1869-1876): análise dos relatos de viagem e as faces do orientalismo do século XIX – Campina Grande, 2023. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

GAHYVA, H. da C. O inimigo do século: um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816-1882). Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ.

GOBINEAU, J. A. Histoire des Perses. Paris: H. Plon, 1869.

GOBINEAU, J. A. Les religions et les philosophies dans l'Asie centrale. Paris, 1866.

RAEDERS, G. O Conde de Gobineau no Brasil: com documentos inéditos. Trad. De Rosa Freire d'Aguiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GOBINEAU, J. A. Essai sur l'inégalité des races humaines. Paris: Pierre Balford, 1853-1855.

HEGEL, G. W. F. The Philosophy of History. With Prefaces by Charles Hegel and the Translator, J. Sibree, M.A.

HEGEL, G. W. F. O contexto natural ou o fundamento geográfico da história universal. In: Hegel, G. W. F. A Razão na História: Introdução à Filosofia da História Universal. Lisboa: Edições 70. 1995.

SAID, E. W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## NOTAS

<sup>i</sup> A universalidade em Hegel seria politicamente um Estado onde haja a superioridade desta frente à individualidade. Entretanto, resguardando-se a individualidade dos seres e seus direitos assegurados frente às leis

<sup>ii</sup> GOBINEAU, carta do Rio de Janeiro em de março de . In: Raeders, op. Cit., p.40

